

| Coluna

UM LOBO CHAMADO HERMAN HESSE

Por Franklin Jorge

Disse Clarice Lispector ter adquirido com Hermann Hesse a consciência do que desejava ser, como queria ser e o que deveria ser. Palavras que sintetizam a importância do escritor sobre jovens rebeldes do mundo inteiro, sobretudo a partir dos anos sessenta quando passou a ser lido e reverenciado como um verdadeiro guru por aqueles que se colocavam voluntariamente à margem do sistema. Era um desses autores que forçam o leitor a pensar, inclusive, sobre a impermanência das coisas e a grandeza do nada.

Em minha adolescência inquieta e fatigada, era o autor de “O Lobo da Estepe” um item imprescindível, especialmente para aqueles jovens que se inscreviam nas hostes do underground cultural. Porém, confesso que não era nenhum fanático, por considerar sua literatura muito centrada em culturas orientais e, portanto, muito distantes de minha própria experiência de vida e do meu pensamento, mais inclinado ao humanismo ocidental e ao existencialismo oriundo de Kierkegaard que desembocava em Sartre.

Hesse, por sua vez, estava associado ao movimento hippie que eu não compreendia ainda e que só conseguia levar relativamente a sério, embora já tivesse travado conhecimento com Tagore e Gibran Khalil Gibran. Para mim, constituía-se, esse movimento contracultural, de alienados [porraloucas] e fumadores de maconha que se opunham à guerra e, em seu aspecto mais palatável, pregavam a paz e o amor. Também diziam-nos inimigos de água e sabão. Quando os compreendi, passei a duvidar da opinião geral.

Sentia-me mais próximo dos existencialistas que se deixavam mergulhar numa náusea profunda resultante da consciência da gratuidade de tudo. Eu era, pois, um típico jovem intelectualizado de minha geração que lia Camus e Moravia e me entediava terrivelmente com Godard, modismo que como as demais felizmente passou. Hoje, Godard pertence mais à arqueologia do cinema do que ao cinema.

Porém algum resquício de romantismo me impelia a, secretamente, sonhar com utopias e, nisto, creio que diferia dos meus amigos que se entregavam a um hedonismo

profundo e inconsequente, pensava eu em meu afã de tornar-me escritor e através da criação de uma obra justificar a minha existência. Eles, ao contrário, tendiam a abster-se de toda ação, exceto do prazer, pois afinal tudo acabaria em Nada...

Estava nesse impasse existencial quando conheci Almir Borges, uns sete ou oito anos mais velho, que me proporcionaria infinitas viagens metafísicas ao descortinar-me mundos invisíveis através da leitura de autores naquela época ainda de difícil acesso, entre os quais, Kafka, Pound e Beckett que entraria no Brasil através do teatro – o teatro do absurdo que eu descobrira através do Cônsul americano no Recife, que me presenteara com um grande livro de Robert Brustein, “O Teatro de Protesto”.

Foi ele, Almir Borges, quem me apresentou a Harry Haller e me encareceu a leitura de Hermann Hesse, autor que falecera havia alguns poucos anos [1962] em Montagnola, Suíça, aos 85 anos, onde se refugiara para fugir aos ruídos do mundo ilusório.

Devoto de Hesse como tantos outros jovens, andava com um exemplar de “O Lobo da Estepe”, livro publicado em 1927, debaixo do braço. Segundo me disse, diante de minha relutância em lê-lo, destoava dos demais que escrevera o autor que fazia a ação transcorrer não no Oriente, mas na Europa, numa atmosfera sombria muito diversa que já prenunciava a catástrofe que viria.

Estigmatizado pela maldição de pensar, Harry Haller, personagem autodestrutivo e profundamente autobiográfico, seria a biografia da alma do próprio Hesse. Têm ambos, autor e personagem, um nome composto que começa pelas mesmas iniciais e o mesmo número de letras e, como Hesse, tentara o suicídio. Hesse, ao que se sabe, ainda menino quis pôr termo à vida. Era ainda, como o seu personagem, escritor e cultivavam ambos a mesma paixão pela filosofia e mitologia orientais.

Desde então Almir Borges associou-se em minha mente ao estranho e complexo personagem hessiano que vagava como um lobo, solitário e indomesticável, espreitando com olhos de águia, à procura do sentido da vida, como o lobo procurava a sua presa.

Em minha sede de tudo saber e tudo conhecer, mergulhei apaixonadamente no universo mental de Hesse, fixando-se apaixonadamente em Harry Haller, um homem — mas não obstante um lobo da estepe — que, em seu desenraizamento profundo, vagava insone pelas estepes da vida em busca do território perdido.